

*ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA E LITERATURA – Homenagem ao Prof.
Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993,
665 pp.

Mais do que a qualidade global dos ensaios reunidos neste volume de homenagem a Leodegário de Azevedo Filho, importa salientar desde logo a oportunidade e a justiça desta iniciativa.

A oportunidade, porque veio a tempo de encontrar o homenageado firme no seu posto, desenvolvendo um intenso e fecundo labor, empenhado no combate da sua vida — a edição crítica da lírica de Camões —, mas numa fase em que foi já ultrapassada a pedra que havia no meio do caminho.

A justiça, porque Azevedo Filho é — nas palavras de António Houaiss, responsável pela apresentação do volume — «o professor exemplar e o pesquisador e ensaísta exemplar». Com efeito, a intensidade do seu magistério universitário; a vastidão e a diversidade da sua obra ensaística, que contempla os estudos filológicos como contempla os trabalhos de crítica e de história literária, consagrados a autores como Anchieta, Machado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, ou Pero Meogo, Joan Garcia de Guilhaude, Camões, Bocage, Eça, Pessoa, Abelaira, Vergílio Ferreira; o exercício de funções em organismos culturais e instituições científicas —demonstram claramente a justiça desta homenagem, de resto precedida de uma longa série de distinções e prémios, que reconheceram o trabalho do Prof. Leodegário nos dois lados do Atlântico, confirmando que se trata de alguém que — de acordo com o testemunho do entretanto falecido Manuel Ferreira — «pertence a uma raça de eleitos que, abnegadamente, engrandecem a cidadania de quantos têm como prioridade a cadeia da afectividade entre Portugal e o Brasil, na assumida função de dupla nacionalidade literária».

E *cadeia de afectividade* é também esta colectânea de ensaios, não só pelo número (sessenta e seis) de vozes que a integram, não só pelos contornos largos do mapa aí esboçado (Brasil, Portugal, Espanha, França, Itália, antiga Checoslováquia, Estados Unidos) — mas sobretudo por aquilo que une trabalhos de índole tão diversa e os põe em sintonia com o pensamento de Azevedo Filho: a paixão pela cultura *brasílica*.

Como seria de esperar, são privilegiados os principais temas da obra do Prof. Leodegário, a começar por Camões, a quem são dedicados dez ensaios, de orientação muito diversa.

Albano Martins oferece-nos uma revisão generalista de Camões; José Antonio Sabio Pinilla reflecte sobre o camonismo e o sebastianismo, e em particular sobre a

simbiose que se produziu entre esses dois mundos na literatura portuguesa; Vasco Graça Moura passa em revista a sua relação com Camões, quer como leitor, quer como ensaísta, poeta e ficcionista; Paul Tessier procura ler a *Franciade* de Ronsard comparando-a com *Os Lusíadas*; Segismundo Spina apresenta-nos um interessante estudo sobre alguns vocábulos de ascendência platónica presentes na obra lírica de Camões. Os restantes trabalhos estão voltados para a crítica textual. É o caso do ensaio de Barbara Spaggiari — consagrado à Ode IX e ao problema da lição proposta por Azevedo Filho relativamente às palavras de rima dos versos 13 e 35 — e do texto de Emanuel Paulo Ramos, que discute a forma gráfica mais correcta para a palavra referida em *Os Lusíadas*, X, 137, 2. Evanildo Bechara elabora um estudo estilístico e de crítica textual sobre o soneto *Em formosa Letea se confia*, considerando como muito provável a origem camoniana; Rubem Amaral Jr. estuda a autoria do soneto contra o monteiro-mor — descoberto em 1971 por António Cirurgião, que o deu como sendo de Camões —, esclarecendo algumas referências do poema e mostrando claramente que o autor é o «Camões do Rossio», alcunha do magistrado Caetano José da Silva Sotomaior (ou Souto Maior), protegido de D. João V. O *Cancioneiro de D. Cecília de Portugal*, tornado conhecido pela utilização que dele fez o Visconde de Juromenha para a sua edição da lírica, é o tema desenvolvido por Raquel Villardi. Por último, Álvaro de Sá apresenta um curioso ensaio sobre os «Limites quantitativos do cânone lírico de Camões». Aplicando métodos da estatística e do cálculo de probabilidades, elabora um quadro analítico da expansão da lírica e das várias fases por que passou esse processo, a partir do qual debate o problema da autoria e do tamanho provável do cânone lírico. Os resultados alcançados para as espécies estudadas (que são apenas as que podem oferecer uma amostra de dimensão razoável que torne possível uma verificação estatística segura — caso dos sonetos, canções, tercetos e redondilhas) estão muito próximos dos resultados já alcançados pelo Prof. Leodegário, configurando o *corpus* irredutível provavelmente possível de determinar.

Outra linha temática em destaque tem a ver com a filologia e a edição crítica de textos. Sobre o primeiro aspecto escreve Aluizio Ramos Trinta, ao passo que o segundo ocupa Edwaldo Cafezeiro e Giuseppe Tavani. Este último aborda o progresso e a importância crescente das edições críticas, que hoje passaram a interessar também os próprios criadores literários, impondo a abertura de um novo capítulo nas actividades da filologia: a genética. Tavani discute ainda o desafio representado pelo interesse crescente pela recuperação de textos cada vez mais recentes, defendendo a constituição de uma nova disciplina — a manuscritologia — e salientando a importância do trabalho em equipa e do recurso à informática.

Ainda no campo dos temas particularmente caros ao homenageado, encontram-se os ensaios sobre a poesia trovadoresca medieval e sobre José de Anchieta. O primeiro é abordado por Helena Parente Cunha — que estuda a intervenção do desejo, ensaiando uma abordagem psicanalítica do tema da excelsa mulher inatingível — e por Marina Gutman Paranhos, que toma por objecto uma das quinze cantigas de amor de Joan Garcia de Guilhaude — «Amigos, non poss' eu negar». A Anchieta são também dedicados dois artigos: o de Luiz Soares de Lima, que passa em revista as diversas facetas do jesuíta, detendo-se com alguma demora na crítica à posição de Mattoso Câmara —

que considerou a *Arte de Gramática* uma sistematização simplificada para se proceder à propaganda religiosa, elaborada sob o ideal linguístico do Latim — e, noutro momento, destacando a tendência medievalesca do biscainho; o de Nicolás Extremera e Luisa Trias, consagrado ao fenómeno dos *contrafacta*, com especial atenção ao poema «Mira Nero», adaptação do romance «Mira Nero de Tarpeya», muito popular durante os séculos XV a XVII.

Quanto aos restantes trabalhos, merecem destaque os artigos de Eduardo Lourenço — «Da filosofia como literatura (A antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)» — e de Eduardo Portella, que escreve sobre «O ensaio como ensaio». Considerando-o como «um *discurso diferente*, que se atira ou se precipita, sem o menor receio, sobre as rupturas e os interstícios do sistema» (p. 143), defende convictamente a necessidade da sua existência «Para continuar duvidando, para gerar um núcleo de resistência moral — em nenhum instante prescritivo — em meio à voracidade tecnocrática» (p. 147).

Também em foco estão as memórias literárias, tema do artigo de Maria Lúcia Aragão, que procura compreender a sua especificidade e o processo que se desenvolve no acto da escritura, para o que estabelece o seu relacionamento com noções como a de consciência em si, identidade do sujeito e temporalidade. O conto — mais concretamente o conto brasileiro contemporâneo — é abordado por Bella Jozef, que sustenta que ele passa hoje por um processo de transgressão dos padrões do género.

Refiram-se também alguns artigos centrados num autor em particular. No domínio da literatura brasileira, Lêdo Ivo escreve sobre Manuel Bandeira; António Sérgio Mendonça sobre «Dom Casmurro, o bovarismo e a dissolução machadiana»; Maria do Carmo Pandolfo estuda *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, sob a óptica do fenómeno da Festa; Angélica Soares escreve sob «'Fantasias de Céu': O prazer feminino na poesia de Adélia Prado»; Alfredo Margarido estuda «Gregório de Matos em Angola» e em particular a inventada — segundo as conclusões do artigo — intervenção do poeta baiano na revolta do corpo militar de Luanda em 1634.

Quanto à literatura portuguesa, António Soares Amora e Gladstone Chaves de Melo escrevem sobre Antero de Quental, pesquisando o primeiro as suas relações com a poesia brasileira avaliadas a partir do *Tesouro Poético da Infância* (1883), e detendo-se o segundo na questão da língua e do estilo; Sílvio Elia, num longo artigo, escreve sobre «Alberto Caeiro ou a filosofia do impossível»; António Quadros procura explicar o segredo da resistente perenidade de Camilo, considerando que tal se deve em grande medida à adopção na sua obra da estrutura arquetípica da narrativa tradicional, embora adaptada sociologicamente aos ambientes do seu tempo e dos espaços em que predominantemente se moveu.

No domínio da história da cultura, merece ser mencionado o estudo de Giulia Lanciani, intitulado «Os descobrimentos e a ilha: história duma metáfora». No campo da linguística, refira-se o artigo de Luís César Feijó — «Empréstimos linguísticos nos esportes de massa como atualizadores de desvios na fala dos locutores e comentaristas esportivos».

Citaremos ainda, para terminar, o artigo de Maria do Carmo Henríquez, intitulado «Língua e poder na Galiza». Trata-se de um texto emocionado, em que a autora — docente na Universidade de Vigo — analisa o efeito exercido pelos poderes político e académico sobre o galego, criticando fortemente aquilo que diz ser a sua normatização enquanto língua espanhola, processo que considera como forma de opressão, de autêntica glotofagia, e como um atentado contra a comunidade linguística galego-luso-africano-brasileira. No final, vem a crítica certa ao distanciamento e à neutralidade por que têm optado os países lusófonos, e também o apelo dramático à solidariedade espiritual dos utentes do idioma comum.

A última palavra, uma palavra de saudação, vai para os coordenadores deste volume — António Sérgio Mendonça, Luís César Feijó, Ilka Lima de Azevedo, Paulo Pimenta e Raquel Villardi — que, com esta iniciativa, promoveram a melhor homenagem que Azevedo Filho poderia receber: a discussão, continuação e alargamento do seu trabalho em prol da língua e das literaturas portuguesa e brasileira. Com isto prestaram também um contributo duradouro à cultura dos dois países, tornados mais próximos por uma figura que é querida de ambos.

Francisco Topa